

Tese de Doutorado

***O CINEMA TRÁGICO-POÉTICO DE PIER PAOLO PASOLINI: APPUNTI PER UN'ORESTIADE AFRICANA; ÉDIPO REI; MEDEIA.***

Autor: Ulysses Maciel de Oliveira Neto ([ulyssesodisseu@gmail.com](mailto:ulyssesodisseu@gmail.com))

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carlinda Fragale Pate Nuñez

Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ

Área de concentração: Literatura Comparada

Data da defesa: 30/03/2009

**Palavras-chave:** Poéticas do cinema, Tragédia grega, Pier Paolo Pasolini, Mito

O objeto da tese foi a reflexão sobre a criação artística, especificamente de certo tipo de cinema que pretende expressar fatos e materiais encontrados no cotidiano, mas também os recolhidos imaginária e arqueologicamente de um conjunto sistematizado de mitos. Este tipo de cinema, no seu ponto extremo, quer representar materiais mais e mais arcaicos – *mythos* –, embora, no decorrer da tese, se tenha constatado que o limite dessa possibilidade se expande ou se contrai, num processo semelhante ao da poesia, quando pretende expandir os sentidos dicionarizados das palavras.

A obra cinematográfica trágico-mítica de Pasolini se entrelaça de forma inseparável com a poesia do diretor italiano. O próprio Pasolini adverte sobre a relação entre os filmes e os poemas que eram escritos paralelamente com as filmagens. Na publicação citada exaustivamente nesta tese, *Medée* (PASOLINI, 2002), encontram-se

os poemas escritos durante a filmagem. Num deles (*Prece sob encomenda*), escreve Pasolini:

Deus, e agora?  
Para quem eu vou jogar os grãos por sobre meu ombro esquerdo?  
Eu posso desmembrar um morto  
E enterrar os pedaços nos campos?  
Em sonho, os mortos me aparecem como mascarados ou ratos?  
E depois, eu provo o terror de que o sol, talvez, um dia ou outro,  
Não ressurgisse, ou que a erva cessa de brotar?  
E que eu vivo nessa angústia incessante?<sup>1</sup>  
(PASOLINI, 2002, p. 132)

Sem *explicar* o sentido das imagens de *Medeia*, o poema trata da angústia de que fala Pasolini na *Lettera del traduttore*, texto também muito referido no decorrer da tese, e faz preciosas referências ao importante monólogo do Centauro no início de *Medeia*. Principalmente, o poema toca numa contradição explorada por Pasolini – a indefinição dos limites entre humanismo e arcaísmo, que percorre também o texto da tese, nunca resolvida, como não deveria ser, mas também nem sempre bem iluminada como seria pela leitura dos poemas. Por fim, o poema narra a experiência angustiosa do homem dessacralizado, mas ainda marcado pelo sagrado, tema caro a Pasolini, tanto em relação à ingenuidade do homem italiano meridional e dos primeiros cristãos quanto ao genocídio cultural.

Na *Lettera del traduttore*, Pasolini aponta que sua busca, no tocante à tragédia grega, seria estabelecer uma conexão entre a incerteza em que vivia o homem antigo – ligada ao passado de sacrifícios e de vinganças sangrentas de crimes familiares – e a angústia do homem moderno, preso a uma sociedade racionalizada ao extremo, mas que assiste, aqui e ali, à eclosão do irracional.

Para Pasolini, a mudança ficcionalizada por Ésquilo em *Eumênides* tem na realidade duas vertentes. Uma, positiva, é a democratização, o sufrágio, o tribunal humano. A contrapartida negativa a isso seria a dessacralização e a falta de freios para “os punhais dos assassinos”, assinalada literalmente no texto esquiliano. Mas Pasolini acredita ser possível a convivência das duas formas mediante a intervenção de um discurso acerca das experiências reais pessoais e sociais, ou seja, *mythos*. As referências a esse discurso que associa de forma lírica razão e magia são várias. Citamos duas. A primeira, no segundo monólogo do Centauro, no filme *Medeia* (PASOLINI, 1969, p. 110):

[...] para o homem antigo, os mitos e os rituais são experiências concretas, que o cercam e o envolvem a todo o momento, inclusive na sua experiência corporal e cotidiana. Para ele, a realidade é uma unidade de tal forma perfeita que a emoção que ele experimenta diante, digamos, do silêncio de um céu de verão equivale inteiramente à experiência pessoal mais íntima de um homem moderno.<sup>2</sup> (PASOLINI, 2002, p. 110).

A fim de preencher a lacuna, deveria haver a representação no cinema desse mito moderno – dessa ideologia do novo humanismo –, em que o racionalismo produtivo resultasse em conforto sem consumismo exagerado, em que o irracionalismo positivo arcaico resultasse em produção artística. Esse era o projeto de filmagem da *Oréstia africana*, ambientado na África de 1960, quando alguns países africanos caminhavam para a independência e a industrialização. Os *Appunti per un’Orestiade africana* indicam o que seria a sociedade africana perfeita, na qual o irracional estaria domado pela razão. Essa sociedade teria traços socialistas, embora *troppo poetica* para ser comparada com as experiências já em andamento no Leste da Europa.

O limite entre o irracional que se deseja e aquele indesejável está representado nas imagens tomadas pela câmera objetiva – realista – que enquadra realisticamente as

imagens do sacrifício no país de Medeia. Tais imagens são suportáveis para nós, modernos, e ninguém na plateia condena Medeia nesse momento. Até mesmo as cenas amorosas entre Jocasta e Édipo são vistas naturalmente. Mas as imagens de *Salò* são insuportáveis.

O cinema de Pasolini, portanto, tem um objetivo político e crítico claro: representar, de forma dialética, a racionalização da vida humana moderna diante da persistência da instância mítica não totalmente superada.

## REFERÊNCIAS

APPUNTI PER UN'ORESTIADE AFRICANA. Direção, fotografia e narração: Pier Paolo Pasolini. 1970. Produção: Gian Vittorio Baldi e IDI Cinematografica (Roma). Filmado em 1968-69. Duração: 63 min. Dados disponíveis em: <http://www.pasolini.net/>.

ÉDIPO REI. Direção e roteiro: Pier Paolo Pasolini. 1967. Produção: Arco Film (Roma). Produtor: Alfredo Bini. Filmado em abril-junho 1967. Duração: 104 min. 1º Prêmio Festival de Veneza, 1967. Baseado em *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*, de Sófocles.

MEDEIA. Direção e roteiro: Pier Paolo Pasolini. Produção: San Marco SpA (Roma), Le Films Number One (Paris) e Janus Film und Fernsehen (Frankfurt). Produtores: Franco Rossellini; Marina Cicogna. Filmado em maio-agosto 1969. Duração: 110 min.

PASOLINI, P.P. Lettera del traduttore. In: *L'Orestiaide di Eschilo tradotta da Pier Paolo Pasolini*, 1960. Disponível em: [http://www.pasolini.net/teatro\\_orestiade\\_traduzPPP.htm](http://www.pasolini.net/teatro_orestiade_traduzPPP.htm).

\_\_\_\_\_. *Médée*. Trad.: Christophe Mileschi. Paris: Arléa, 2002.

SALÒ, o le centoventi giornate di Sodoma. Direção e roteiro: Pier Paolo Pasolini.

Produção: PEA (Roma) / Les Productions Artistes Associés (Parigi). Produtor: Alberto

Grimaldi. Duração: 116 minutos. 1975. 1ª projeção: I Festival de Paris, 22 nov. 1975.

Do romance de Sade *Le centoventi giornate di Sodoma*.

---

<sup>1</sup> *Prière sur commande*. Dieu, et maintenant?/À qui vais-je jeter les graines par-dessus mon épaule gauche ?/Puis-je démembrer un mort/et en enterrer les morceaux dans les champs ?/En rêve, les morts m'apparaissent-ils comme masques ou rats ?/Et puis, est-ce que j'éprouve la terreur que le soleil, peut-être, un jour ou l'autre./ ne *resurgisse* pas, ou bien que l'herbe cesse de pousser ? (Grifo no original)

<sup>2</sup> [...] pour l'homme antique, les mythes et les rituels sont des expériences concrètes, qui l'entourent et l'englobent à tout moment, y compris dans son existence corporelle et quotidienne. Pour lui, la réalité est une unité tellement parfaite que l'émotion qu'il éprouve devant, mettons, le silence d'un ciel d'été équivaut en tout point à l'expérience intérieure la plus personnelle, la plus intime, d'un homme moderne,